

ALBANO COUTINHO JUNIOR

CINCO DIAS

EM

MADRID

A. C. J.

LISBOA — 1871

Ayuntamiento de Madrid

#14
1353

100 / 5

CINCO DIAS EM MADRID

CINCO DÍAS EN MADRID

CINCO DIAS
EM MADRID

POR

ALBANO COUTINHO JUNIOR

62797



LISBOA

IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES

65—Rua da Atalaia—67

1871

Ayuntamiento de Madrid

CINCO DIAS

EN MADRID

65333

LIBRO DE CONTABILIDAD

LIBRO

LIBRO DE CONTABILIDAD

30 - 10 - 1911

1911

UMAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Deu que fallar, que uns poucos de portuguezes, aproveitando um comboyo de recreio, atravessassem as fronteiras, e fossem vêr Madrid.

Alguns jornaes fizeram alarido do caso, e até me constou, que o *Futuro*, periodico de Braga, que, no meu humilde entender, tem grande amor ao passado, lançou á execração publica os nomes dos cavalheiros portuguezes, que tomaram parte em um banquete, o qual lhes fôra offerecido pela imprensa madrilena, considerando-os temiveis propagadores da iberia!



Os factos, e, acima d'elles, a verdade, encarregaram-se de mostrar, que não tiveram rasão de ser os sustos dos que viram em perigo a nossa tão apregoada e nem por isso muito cuidada independencia. Os hespanhoes receberam os portuguezes como se recebe a primeira visita de um hospede, que se deseja obsequiar. Não se deu com os nossos bons visinhos o caso que se conta de um sugeito que, a proposito de hospedes, dizia: «Vale a pena tel-os pela satisfação que causam... no dia em que os vemos pelas costas!»

No numero dos cavalheiros que foram a Madrid entraram alguns modernos escriptores. O ultimo, e dos mais novos, que escrevem em Portugal, tomei por dever contar o que vi, e dizer o que me fiseram. Na ligeira discripção, que vae ler-se, não tive, porém, em vista dar aso a fatuidades balofas. Fique essa tarefa para outros, que não veem senão a si e a sua sombra. Não me de-claro alvo de distincções, que pertenceram a todos. A minha insignificancia lit-

teraria aspirou só a uma cousa. A não corresponder com ingratidão aos que affavelmente me acolheram. E foi por elles, principalmente, que deliberei escrever estas linhas, aproveitando o ensejo de fazer protestos, não de asedume pelo que apparecesse em alguns jornaes portuguezes, que podesse ter visos de inconveniente, mas de reconhecimento pela parte que me tocou na obsequiosa recepção, que os portuguezes tiveram em Hespanha.

A todos os membros da illustrada imprensa madrilena, a quem foi, decerto, devida a iniciativa da affectuosa hospedagem na capital do visinho reino aos visitantes de Portugal, dirijo com a mão no coração um tributo de indelevel gratidão.

Cumpro assim o meu dever, e deixo a quem quer que seja a liberdade de apprecia-lo.

Lisboa, 31 de maio de 1871.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

terais aspinos só a uma concessão. A não
correspondem com interesse aos que
efectivamente me acolleram. E foi por
ellas, principalmente, que quizeis es-
crever estas linhas, aproveitando o sa-
zelo de fazer protestos, não de aser-
tar-me pelo que apparecesse em alguns for-
mes portuguezes, que podesse ter vi-
zos de inconveniente, mas de reconheci-
mento pelo facto que me tocou na opo-
sição respectiva, que os portuguezes
tinha em Hespanha.

A todos os membros da illustrada in-
stituição mandei, e quem foi de facto,
devida e intensiva da effluencia inces-
sante na capital do Reino Reino aos
residentes de Portugal, dando com a mão
no coração em unção de fidelidade e
amor.

Companha assim o meu dever, e deixo
a quem quer que seja e fôr o caso de
proceder.

Lisboa, 21 de Maio de 1871.

Alfredo Cordeiro de Azevedo.

I

A VIAGEM

Não era ainda uma hora da tarde do dia 15 de maio de 1870 quando o silvo da locomotiva na «gare» de Lisboa deu signal de que estavam a caminho de Madrid os que haviam aproveitado o comboio expresso de recreio pela modicidade dos preços ou por convite especial da empresa dos caminhos de ferro portuguezes de norte e leste combinada com a das linhas de Badajoz a Ciudad Real e Madrid.

Coube-me ficar em uma carroagem de primeira classe, aonde, além de trez amigos a quem, combinado, me ligára para a digressão a Hespanha, fui encontrar dois moços escriptores—Rangel de Lima e Oliveira Pires—e quatro cavalleiros, que nos fizeram sempre na digressão a melhor das companhias.

Fomos prevenidos de que a viagem

seria feita em trinta horas. Era, para mim, o que mais poderia assustar-me!

Mas tão successivas se tornaram as excentricidades do companheiro M., lavrador do Cartaxo, cidadão de boas carnes e de genio alegre, condescendente até consentir que o tratássemos por trinta ou mais appellidos, nomes e sobrenomes que nunca foram os seus, e as aventuras do estroina P... que devorava, ao chegar ás estações, onde havia bufete, quanto se apresentava de comer para quatro ou seis individuos, que tinha sempre conflicto com os criados por não lhe trazerem intacto o presunto de fiambre, dando que entender aos cosinheiros o desembaraço com que ia ao fogão buscar agoa tepida para lavar os dentes, tudo isso e umas partidas de voltarete —porque a vapor tambem se joga—fez com que estivessemos entretidos até ás 2 horas da madrugada do dia 14.

Antes, porém, de lá chegar, ás 10 horas da noite de 13, tivemos, ao parar em Badajoz, uma obsequiosa recepção, á luz de tochas, achando-se na estação a musica d'um corpo de carabineiros que tocou, em honra aos portuguezes, o hymno d'El Rei D. Luiz e da Carta, o do Riego e algumas pequenas peças. Seguiram-se muitos vivas a Portugal, aos

quaes correspondemos saudando a Hespanha. Assistia o governador de Badajoz e algumas outras autoridades locais. Da parte dos trezentos passageiros que, como portuguezes, eram tão bem tratados pelos hespanhoes, não notei senão enthusiasmo pela aproximação dos dois povos visinhos por meio d'estas visitas convidativas.

A's 9 horas e meia do dia 14 almoçámos excellentemente em Ciudad Real. Tambem ali tivemos uma recepção muito amavel.

O recinto da estação estava apinhado de gente. Uma philarmonica local e a banda do 31 de linha tocaram successivamente variadas peças de musica. O governador achava-se na estação e foram tambem levantados muitos vivas a Hespanha e Portugal.

Em Alcazar surpreendeu-nos o bem disposto e servido «restaurant». Quem quiz tomou ali uma farta refeição que valeria por um jantar.

A's 4 horas achavamo-nos em Aranjuez. E' uma povoação lindissima, e a vivenda real d'encantador aspecto. Admirei a vegetação das arvores, a abundancia das agoas, e mais que tudo o bem cuidados e aproveitados que andam os terrenos. E', decerto, a Cintra dos ma-

drilenos. Devem ali passar-se dias deliciosos.

Seriam seis horas quando avistámos Madrid. Pareceu-me bem a sua situação, porque, assente em uma vasta planície, rodeada d'extensos campos, devia respirar-se lá o que é mister para a vida: bom ar!

II

A CHEGADA

Estavamos a 14 de maio, e, pelo meridiano de Madrid, seriam umas seis horas e meia da tarde.

Imagine o leitor que sabe d'uma carroagem de caminho de ferro, e se acha envolto no turbilhão d'uma «gare» desconhecida...

Todos os passageiros querem sahir ao mesmo tempo, e é curioso o espectáculo que apresentam, embaraçados com o sacco de noite, com a mala de viagem, com a chapeleira e com trinta e uma miudesas que á ultima hora apparecem!

Depois, surgem os cidadãos de Tuy —em Madrid são os cidadãos de Valencia, Andaluzia e provincias mais proximas—e eis que, á porfia, nos querem levar mala, saccos, chapéos... a cabeça quasi!



Conseguindo vir para a rua, ahí nova invasão nos guarda. E' a praga dos cocheiros, tão ou mais temível como a praga dos gafanhotos que tem grassado em alguns pontos de Ciudad Real. Todos nos querem levar para a sua carroagem, e sobre os preços phantasiavam á vontade.

São estes os episodios que se dão, quasi os mesmos, á entrada do viajante em qualquer capital de primeira ordem.

Sabindo da «gare» em Madrid, dei-xei d'attendder aos cocheiros para notar a variedade dos carros. Os coupés são tirados a um cavallo, mas em compensação ha omnibus puxados a duas parelhas de muares e um cavallo de tiro, e outros a uma parelha e trez cavallos, com enormes guisos, que fazem um barulho d'assustar.

Entrei para o mais esquisito de todos, puxado por gado cavallar e muar, com os competentes guisos, e sendo os arreios... de cordas!

Procurei saber se iamós para o centro da cidade, ao que me respondeu o cocheiro:

— A la puerta del sol.

Fiquei muito contente por irmos para o sol, mas declaro, que nada me esclareceu a resposta.

Eu tinha levado de Lisboa umas indicações de dois hoteis, mas perdêra a nota dos seus locaes, e estava portanto condemnado a ir para o primeiro que o acaso me deparasse. Atravessámos uns extensos *boulevards* e umas ruas regulares, e achámo-nos em um largo mais pequeno que o nosso Rocio, cercado de bons edificios, e de variados estabelecimentos. Era a *Puerta del Sol*. Parou o omnibus á porta d'um hotel, e um dos passageiros correu a saber se havia quartos disponiveis. Trouxe a noticia de que havia um quarto vago. Só elle era o chefe d'uma *tribu* d'oito individuos!

Eu tambem não podia aproveitá-lo, porque vinha ligado a trez amigos, e, juntos, nos deviamos accommodar.

—Vamos ao hotel de tal, disse o cocheiro.

Chegámos, vimos e não vencemos. Estavam todos os aposentos tomados.

Ainda fomos a outro, aonde egual sorte nos esperava.

Resolvi então com os meus trez companheiros sahir do carro e ir procurar casa que nos recebesse. Nada sabiamos de Madrid, mas onde vissemos taboleta d'hotel correriamos a indagar se havia logar para quatro hospedes.

Eureka!—exclamei ao vêr «Hotel de

Madrid». Subimos umas assustadoras escadarias, e, depois d'uma longa conferencia com o dono da casa, conseguimos que nos cedesse dois quartos e uma sala, elegantemente mobilados, e que estavam, nos disse o homem, esperando uma familia de Barcelona, que não appareceu, creio.

O local do hotel era no centro de Madrid, e os aposentos agradaram-nos.

—Quanto devemos pagar? perguntámos.

—Trinta e cinco reales (desaseis to-tões) por cada pessoa.

Mais que nos pedissem mais daríamos, para nos furtarmos ao incommodo de subir e descer escadas, e sempre na dúvida de sermos servidos.

Tratámos, pois, de nos preparar para a comida hespanhola.

Acabado o jantar tentei ir á *Tertulia Progressista*, aonde sabia que se reuniam os portuguezes. Dei commigo no *Ateneo de Madrid*. Encontrei cavalheiros hespanhoes, que me receberam muito bem. Não me dei mal com o engano, mas deixei d'ouvir Olózaga, o que senti.

O *Ateneo de Madrid* é uma sociedade de homens distinctos nas sciencias, e está devidamente montada.

Tem uma biblioteca muito escolhida, excellentes gabinetes com os melhores jornaes, e um vasto salão, elegantemente adornado, para conferencias e sessões litterarias.

Passei d'esta excellente sociedade, cujas portas me franquearam desassombradamente, para o *Theatro y Circo de Madrid*. Atravessei a cidade á luz dos candieiros, mal divisando os edificios, e mais surprehendido pela multidão que acotovelava do que pela grandesa e irregularidade das ruas.

O *Theatro Circo* é muito vasto, e de magnifica perspectiva. Accommodará talvez as suas cinco mil pessoas. Os logares das *butacas* (cadeiras de palhinha) são muito commodos. Dos camarotes e das galerias desfruta-se e ouve-se muito bem o espectáculo apesar da vastidão do *theatro* e da sua fôrma circular.

Representava-se a magica *Los Amores del Diablo*. Lá vi, ainda fresca e jovial, a nossa apreciada Zamacois. O scenario pareceu-me novo, e alguns quadros eram d'effeito surprehendente. A vista final causou-me uma impressão maravilhosa. Retirei-me satisfeitissimo, dando por bem passada a primeira noite em Madrid.



III

EM MADRID

O PRIMEIRO DIA

Estavamos na manhã de 15 de maio.

Abri as portas, as vidraças e as persianas da janella do meu quarto, tarefa que me deu que fazer, porque não estamos costumados em Lisboa a ter as janellas tão vedadas, e encostei-me sobre o *balcon* (a nossa sacada) a vêr o reboiço de gente e de vehiculos, que ia pela *Puerta del Sol* e principaes ruas confluentes.

Pouco depois sahi para a rua.

Que vida, que tumultuar immenso por toda a parte! E os incessantes pregões, e as infernaes gritarias dos vendedores ambulantes, d'entre os quaes sobresahia o gaiato do jornal, muito mais activo do que o nosso, mas tão esfarrapado como elle, davam um tal aspecto

d'animação á cidade, que fiquei surprehendido perante tão grande movimento, d'envolta com uma alegria popular, que se vê, mas que não se descreve. E, de facto, o povo hespanhol tem uma jovialidade natural, que contrasta singularmente com o nosso character sombrio e pesado.

No entretanto lembrei-me de Lisboa quando assistia ao ruidoso turbilhão da vida de Madrid.

Enviei uma saudade ás benignas auras do nosso formoso Tejo. Eis o que falta a Madrid.

Fui aos cafés.

Fallarei d'elles.

Em Madrid julgo, que se vive mais nos cafés do que nas casas d'habitação; pelo menos eu nunca entrei nos principaes—e são muitos—que não os visse cheios d'homens, de mulheres e de crianças, que, á porfia, tomavam varias bebidas. As mesas não estavam vagas dois minutos, os criados via-os sempre em uma grande asafama, e cheguei a crêr que não houvesse bufete que desse vasão a tantas e tão differentes requisições!

Depois da concorrência enorme nos cafés, notei o luxo e a vastidão d'elles. Bellos espelhos, magnificas mesas,

excellentes dourados, as cadeiras almofadadas e cobertas de velludo, ricos lustres e apparatusos serviços.

Apparatosos só, não. Carregados também, porque as chavenas em que servem o café teem, seguramente, o seu kilogramma de peso, e custa a bebida dois reales... a bagatella de quatro vintens e meio. E então, é justo que se pague tão somente o *precioso* Moca, quando o luxo e a elegancia das lojas faz com que elle... quando mais não seja se tome com maior appetite?!...

Um omnibus, que partia da *Puerta del Sol*, conduzio-me á romaria de Santo Isidro. Vi geitos de lá não chegar, tão enorme era a concorrência de carros e de pessoas, que se dirigiam para aquella festa.

A capella, onde tinha logar a cerimonia religiosa, estava collocada em uma grande elevação. Primeiro que lá se chegasse era necessario andar muito. Romper por entre uma turba de milhares de pessoas era empresa gigantesca, de que não havia a esperar bom resultado. Resolvi ir para onde me levassem, e assim fui parar, sem o saber, a uma vasta extensão, aonde vi homens, mulheres e rapazes baloiçando-se como doidos em uns carros, suspensos por cordas.

Já não espero em minha vida ver tanta gente junta nem tanto baloiço á roda de mim. Começava-me a cabeça a entontecer, sem nem sequer ter a lembrança de me baloiçar, e, não sei como, mas o certo é, que me achei na eminencia do descampado, agora convertido em popular romaria. Era impossivel penetrar na capella, que accommodará, quando muito, 100 pessoas e queriam entrar cem mil!

Descancei em uma barraca, aonde caberiam todas as da feira das Amoreiras, tomei um sorvete, que ainda agora estou para saber de que era, e fui ouvir os descantes do povo hespanhol, cheios d'alegria e de *salero*. Que expansões d'enthusiasmo, que vozes, que algazarra, que phrenesi! Nunca presenciei tão extraordinaria folia, nem escutei tão festivos cantares! Estavam em Hespanha milhares de forasteiros. Viam-se differentes trajos, typos differentes, dialectos vários. Tudo isso me causou sensação. O que, porém, mais me deu na vista foram as mulheres. Que olhares, que fascinadores olhares os da mulher andaluza! E quasi todas me pareciam andaluzas, porque quasi todas eram... encantadoras!

Depois da formosura das hespanholas não reparei para os doces, nem para as

loças, e nem para as trinta mil bugi-
gargas, que iam pela magestosa roma-
ria. Sei que os gulotões tinham que fa-
zer, se quizessem dar conta de todas as
rosquillas!

Do arraial de Santo Izidro á Puerta
del Sol—centro de Madrid—não é lon-
ge, principalmente vindo pelo lado da
Porta de Toledo. Antes da noite estava
eu de volta, e, depois de jantar, dirigi-
me á «Tertulia Progressista».

Fui encontrar uma sociedade de re-
creio, com um salão de sessões, boas
salas de jogo e gabinetes de leitura.
Achavam-se ali alguns portuguezes em
conversação amavel com muitos distinc-
tos cavalheiros hespanhoes, entre os
quaes citarei o illustrado jornalista D. Be-
nigno J. Martinez, muito conhecedor e
apreciador das nossas cousas, e cavalheiro
assáz estimavel. Tive conhecimento de
que na «Tertulia» seriam recebidos af-
fectuosamente os portuguezes, e que
estava nomeada uma commissão de jor-
nalistas hespanhoes para dirigir e acom-
panhar os escriptores e viajantes de
Portugal. Como portuguez, e dos mais
obscuros que aqui escrevem, fiz vêr a
D. Benigno Martinez e a vários cavalhei-
ros presentes o quanto me penhoravam
as atenções recebidas.

Da «Tertulia» fomos para o theatro «Buffos Arderius». É um theatro de segunda ordem, mas muito concorrido. Representava-se uma peça extrahida do original francez pelo distincto poeta hespanhol Santisteban, que tive o gosto de conhecer e felicitar, agradecendo-lhe uma poesia allusiva á estada dos portuguezes em Madrid, recitada expressamente n'esta noite.

Agradou-me a companhia do theatro, e gostei da musica da opera buffa, que creio ter o nome de «Potosi Submarina.»

É verdade. Deu-me que pensar o Paraíso . . . pelo nome. É o logar que corresponde ás varandas nos nossos theatros. Agrupa-se ali uma multidão immensa, e no verão deve ser um inferno de calor. Pois apesar d'isso chamam-lhe o Paraíso ! . . .

IV

SEGUNDO DIA

A capital do reino visinho tem coisas notaveis, que não se veem á pressa, porque requerem estudo e cuidado para bem se avaliarem. O museu de pintura e architectura está n'esse caso. Edificio apropriado, com uma fôrma externa elegante e magestosa, tem interiormente uma extensa nave central e muitas salas espaçosas, aonde estão collocados preciosos quadros d'artistas distinctos de todas as escolas de pintura.

Vêem-se ali trabalhos riquissimos de Murillo, Velasquez, Ribera, Zurbaran, Risi, Goya, Rubens, Madrazo, e de muitos outros pintores que fizeram da arte um culto, e que legaram com o seu nome á posteridade obras d'um valor grandioso.

O distincto director do Museo de Madrid, o sr. Antonio Gisbert, artista que

tem reputação feita, deu-se ao incommodo d'indicar-me os mais notáveis quadros, levando-me á sala onde está a «elite» d'elles. Admirei a *bacchanal*, o *ultimo acto de fé*, feito em Madrid, trabalho historico de grande valia, e muitos outros padrões de gloria para os differentes chefes d'escola que ali ha.

Na nave central do Museo estão devidamente conservadas umas riquissimas joias dos seculos 15.º, 16.º, 17.º e 18.º Vale a pena de demorar os olhos diante de tão deslumbrantes valores. Farte-se, ao menos, a vista de quem tem a cruel certeza de não os possuir!

As salas d'esculptura, menos ricas do que as de pintura, possuem todavia trabalhos de merecimento.

Pesa-me não ser entendido para especialisar todas as riquezas do Museo de Madrid. Comtudo a impressão que me produziram foi extremamente grata, e, se é possivel que os olhos tenham voto em assumpto tão melindroso, por elles formei a opinião de que o Museo de Madrid é uma das maravilhas — a mais rica decerto — da capital da Hespanha.

Visite-o com vagar todo o curioso, estude-o todo o artista. Achará sempre que admirar, terá todos os dias coisa nova que aprender. Guiado pelo seu



actual director estará ainda mais satisfeito. A sua lhanesa e conhecimentos captivam sympathia e consideração.

Sahimos do Museo, os meus compa-
nheiros de casa e eu, acompanhados
d'um moço hespanhol muito attencioso,
o sr. Federico Perla y Manrique, que
desejava levar-nos ao Museo Naval, aos
Invalidos e a outros estabelecimentos
que todo o visitante de Madrid deve
vér. Era, porém, já um pouco tarde, a
chuva ia-se tornando incessante, e eu
fui de voto que regressassemos a casa.
N'isto mostrei-me egoista, confesso-o,
porque quiz mudar de roupa para ir
assistir ao banquete para que tinha sido
convidado juntamente com os poucos
escriptores portuguezes, que se acha-
vam em Madrid. Partira o convite dos
legitimos representantes da imprensa
d'aquella cidade; e nada mais natural
do que acceder a esse tão obrigante pe-
dido. Puz de parte a obscuridade do
meu nome, e vi tão sómente na honra
que se nos fazia, aos meus compatrio-
tas e a mim, a continuação dos obse-
quios proprios d'uma hospedagem so-
bre maneira affavel.

As sete horas dirigi-me ao palacio
do *Ayuntamiento*. É a camara municipal
de Madrid. O edificio é de boa perspec-

tiva, está central, e tem, que eu visse, duas salas magnificas aonde o municipio celebra as suas sessões. Uma está elegante e luxosamente adornada, e ahi se conservaram os convidados antes de começar o banquete.

Foi este servido no salão chamado das columnas, casa que tem nome na historia da Hespanha. Achava-se decorado com muitos escudos e galhardetes, sobresahindo excellentemente as côres das bandeiras d'Hespanha e Portugal. A mesa apresentava uma disposição graciosa.

Começou o jantar ás sete horas e meia da noite. Mais de cem convidados eram servidos com toda a precisão por muitos creados que á vontade lidavam no salão. Foi variado e opiparo o banquete. Preparara-o o mais apreciavel artista culinario que tem Madrid, o sr. Lhardy. Julgo que não era possivel excedê-lo no gôsto e na qualidade dos manjares. É um homem que devia viver sempre, porque tem a grande especialidade de tratar bem os paladares, hoje que é moda estragar paladares!

Para a festa ser completa tivemos musica emquanto durou o banquete. As bandas do regimento de Cantabrida e a da Benificencia deliciaram-nos os ou-

vidos, tocando apropriadas e excellentes peças de musica.

Ao *dessert* fizeram-se muitos brindes. Não podia deixar de ser assim.

Reunidas as illustrações da imprensa e das tribunas parlamentares de Madrid, era surprehendente e commovedor vê-las encarar com alma grande e coração largo a aproximação dos dois povos, que, constituidos independentes desde Filippe IV das Hespanhas, teem todavia a mesma generosidade no pensar, fallam a mesma lingua, e não ha rasão alguma que os desvie hoje de se conhecerem, de se tratarem.

Desappareceram, quanto a mim, os antigos preconceitos que dividiam portuguezes e hespanhoes. Se a civilisação nos aproxima os corpos pelo vapor, nós devemos aproximar a alma pelo trato e pelos affectos.

Nos muitos e variados brindes, que se ergueram, ao som de calorosos applausos, não se soltou um grito que feresse a autonomia das duas nações amigas, mais do que amigas — irmãs. Os illustres membros da imprensa madri-lena, e os distinctos ornamentos do Congresso, que muito e bem discursaram, não fizeram senão patentear o júbilo que lhes causava a visita dos portuguezes,

e os meus compatriotas dignamente corresponderam a taes manifestações d'affabilidade, brindando, uns, pelo engrandecimento da Hespanha; outros, pela fraternidade dos dois povos, e todos pela bisarra, generosa e obrigante recepção que Madrid, por meio da sua imprensa, prodigalisára aos hospedes de Portugal.

Fizeram-se discursos, bellos pela forma e pela idéa. Coube por fim a palavra ao genio sublime, que se chama Emilio Castellar. Quem conhece as suas fallas pelos extractos dos jornaes admira, certamente, um grande talento, e um orador tão eloquente como profundo no saber. Pois não tem formado ainda assim idéa do que é, do que vale Emilio Castellar. É necessario ouvi-lo para ver como é insinuante a sua voz, como fascinam as suas imagens, como é d'ouro o encadeamento das suas idéas, como fallam os seus olhos, como lhe sahem em lavas as phrases do seu verbo arrebatador!

O ultimo dos discursos no banquete do dia 16, se foi uma gloria para Castellar, não foi menos uma honra, e bem aquilatada, para os portuguezes que o escutaram. Por mim, confesso, que fiquei assombrado ante um engenho tão

opulento. Penso, que aos mais aconteceu outro tanto. Depois de Castelar não era possível fallar mais alguém. Elle fôra tão amavel para com os portuguezes, descrevêra tão distinctamente o sentimento do amor da patria, innato no coração de todos os homens, exaltára com tanta lucidez e verdade os períodos historicos da peninsula, apregoára que Portugal e a Hespanha estavam destinados á regeneração da raça latina em ambos os continentes, que não era necessario dizer mais para pôr termo a uma festa que bem podia chamar-se de principes.

Castelar é no trato particular um perfeito cavalheiro. Tem a politica que o apaixonou, a ponto de parecer exaltado. Os grandes genios deveram ser em tudo perfeitos. Se um dia Castelar deixar de ser politico converter-se-hão todas as suas paixões no amor da sciencia, e entrará no numero dos privilegiados da natureza, como já hoje é dos privilegiados da palavra.

Terminou o banquete ás onze horas da noite. Estiveram representados os seguintes jornaes de Madrid, nas pessoas dos seus principaes e illustrados redactores: *Epoca, Commercio, Cascabel, Iberia, Opinion Nacional, Revolucion,*

Novedades, Debate, Ilustracion hispano-americana, Imparcial, Cencerro, Constitucion, Resumen, Puente de Alcolea, Politica, Gil Blas, Diario Espanol, Ilustracion de Madrid, Tiempo, Correspondencia, Museo de la Industria, Entreac-to, Eco de Espana, Andalucia e Discus-sion.

Achavam-se á mesa, além dos representantes da imprensa, dez deputados do congresso hespanhol, um senador, e o alcaide de Madrid, cavalheiro que muito generosamente facilitou o palacio do municipio para a realisação d'esta imponente festa. Ainda se viam outros cavalheiros distinctos, entre os quaes o maestro Barbieri, o poeta Santisteban, e o escriptor Calvo Asencio, muito conhecido em Lisboa, filho do fundador da *Iberia*, e que bastante obsequiou os portuguezes na digressão a Madrid.

Estavam quatorze portuguezes, representando as duas camaras, dos pares e dos deputados, as letras e as sciencias medicas.

Do *Ayuntamiento* passámos para o theatro real, aonde se dava, em beneficio, uma recita extraordinaria. O theatro da opera é mais pequeno que o nosso S. Carlos, mas está mais elegantemente adornado. As cadeiras são muito commo-



das, estofadas e avelludadas. Não se está apertado, como na geral do nosso theatro lyrico. Todos os logares são muito espaçosos, podendo as senhoras accommodar-se excellentemente na platêa. A tribuna real não tem a disposição e a grandesa da de S. Carlos. Os camarotes, principalmente os das primeiras ordens, — tem quatro ordens — são commodos e fechados como os nossos. O palco, a que os hespanhoes chamam appropriadamente «scenario» não terá a vastidão do palco de S. Carlos, mas é grande bastante.

A sala d'entrada é d'excellente effeito, pequena, é verdade, mas atapetada e com espelhos presta-se bem a esperar confortavelmente que cheguem os trens e se vejam as *hermosas* frequentadoras do theatro lyrico de Madrid.

Representava-se na noite de 16 a comedia franceza *Par droit de conquête*. Pareceu-me bem traduzida, e nos dois actos a que assisti, tive occasião d'ouvir as duas notabilidades que tem o theatro hespanhol de declamação, a actriz Mathilde Diaz e o actor Catalina. Ambos vi representar e com ambos falei. Gostei de Mathilde Diaz, que me parece poder comparar com a nossa intelligente Delfina. Em Catalina admirei

o actor que comprehende o seu papel, e o desempenha com distincção. Fôra da scena achei estes dois artistas d'um trato muito agradável.

A sr.^a D'Herbil, que Lisboa conhece, cantou e tocou nos intervallos umas bonitas peças de musica. A beneficiada teve flôres e pombos, costume que vi não ser só proprio da nossa terra em noites de festa. O que me disseram, é que fôra o pae que presenteára a filha. Tambem por cá se usa d'isso... quando não ha mais quem o faça!...

Acabou o espectáculo pela volta da uma hora.

Separei-me d'alguns illustres jornalistas hespanhoes que nos acompanharam ao theatro, e tratei com o distincto redactor da *Epoca*, o sr. Juan Perez de Guzman, ir no dia seguinte vêr o *Congreso de los diputados*, e assistir a uma das suas sessões.

Cheguei a casa, e tentei dormir. Não me foi difficil, porque as camas em Madrid são de molas, e extremamente macios os colxões. Soberbas camas!

V

TERCEIRO DIA

Aproveitei a manhã do dia 17 para passear pelo *Prado*. É um *boulevard* que mede talvez de extensão os seus dois e meio kilometros, muito largo, e com uma arborisação tão regular como desenvolvimento.

Offerece um effeito deslumbrante a magestade d'este passeio. Por entre as longas alamedas que o revestem parece respirar-se um novo e mais puro ar.

Deixámos de vêr as casarias da cidade para nós abrigarmos á sombra de copadas arvores. Só distinguimos uma casa cuja architectura nos impressiona. É um rico palacio ao gosto arabe, que um subdito francez mandou construir junto ao Prado. As outras casas que se avistam não affrontam os passeantes.

Ao lado do *Paseo del Prado*, fica o *Jardim Botanico*, circumdado d'uma im-

mensa gradaria, que não impede que se vejam as arvores, os arbustos e as flôres. Tudo diz ali bem, tudo faz lembrar o campo, e todavia a distancia que nos separa do grande reboiço de Madrid é pequenissima!

D'espago a espago povoam o Prado as vendedeiras d'agua nevada, dos caramellos e dos licores. Teem os kioskes bem armados, e fazem seus interesses, ao menos a julgar... pelos copos e pelas bilhas, que expõem!

Ha no Prado um recinto, destinado ao passeio do *highlife* de Madrid. É ali vedado o transito das carroagens, o que não quer dizer que deixem de ter espago para andarem muito á vontade pelos lados. Não cheguei a vêr o ajuntamento do bom tom. A ajuizar, porém, pelas formosuras que descobri nas ruas de Madrid, e pelas que vi nos theatros, deve ali haver muito que admirar nos dias de grande concorrência. Tornar-se ha então o Prado um vistoso jardim. As flôres animadas valem, decerto, mais do que as que nos despertam só pelo aroma!

Subi pela rua d'Alcalá a melhor, a mais larga, e das mais concorridas de Madrid. Vi exteriormente o palacio do ministerio da guerra, que me pareceu

um excellento edificio, e melhor hade ficar quando estiver concluido o parque que lhe dá entrada. Tambem me mostraram a morada de Serrano, e o *calle del Turco*, rua estreita aonde se commetteu o horriavel assassinato de Prim. Lá descobri ainda os effeitos das balas que foram de encontro ás paredes dos predios proximos.

Compungiu-me grandemente a recordação d'um facto tão negro na recente historia da Hespanha!

Fui depois com os meus companheiros pelo *calle de la Montera* e, sem o esperar, dei com um dos mercados de Madrid. Achei-o n'um largo muito acanhado e inferior na abundancia dos generos ao nosso—que não é bom—da Praça da Figueira. Disseram-me, que havia outros n'aquelle gosto, e que o municipio tratava da construcção d'um em condições adequadas, de larguesas e hygiene.

Atravessámos algumas ruas estreitas e feias, outros de tamanho regular, e com estabelecimentos de toda a ordem muito bem sortidos. Por toda a parte grande movimento e muita vida, trabalho e alegria sempre!

Chegámos á rua da Atocha, que é tambem uma das mais largas de Ma-

drid, mas aonde os estabelecimentos são inferiores. Em vez de vermos a basilica da Atocha, egreja onde está o cadaver de Prim, e que me disseram depois ser digna de visitar-se, entrámos em outras que nada teem de notaveis. São pequenas, não tem boas decorações, e o seu exterior inculca pobreza. Comtudo, la se resa e lá ha padres!

Antes de me dirigir ao Congresso entrei no *Jardim Botanico*, que é muito vasto, tem boas colleções de plantas e anda bem cuidado. Em uma das suas extremidades encontra-se uma galeria coberta onde está um pequeno museu mineralogico e de zoologia, que tem alguns objectos curiosos.

Do Jardim Botanico a Praça de Cervantes é muito perto. E' defronte da estatua do poeta que está o edificio das côrtes hespanholas.

Madrid pareceu-me pobre em templos e em estatuas.

A de Philippe II na praça do Oriente é que mais algum valor artistico tem, mas ainda assim fica a perder de vista da do nosso D. José. Acho, porém, que os nossos visinhos fazem bem em não erguer monumentos valiosos que o capricho das revoluções, ás vezes, deruba d'um momento para o outro, não

respeitando as glorias a que alludem
nem a arte que os produziu...

A fachada principal do *Congresso*,
parece-se um pouco, em ponto mais
pequeno sim, com a do theatro de D.
Maria II.

Interiormente o palacio está muito
mais bem dividido do que o nosso S.
Bento, sem ter a vastidão d'elle. O meu
illustre amigo Perez de Gusman teve a
bondade de levar-me a todos os gabine-
tes de trabalho das commissões, á bi-
blioteca e á sala aonde os deputados
fumam e conversam. Vi ali muitos dos
mais notaveis homens da Hespanha, e
aos principaes chefes de partido—que
são muitos—quiz o sr. Gusman que eu
tivesse a honra de apertar a mão. Das
illustrações que mais respeito e sym-
pathia me mereceram, Castelar e Rios
Rosas, conservo grata e indelevel lem-
brança.

Fomos depois para a tribuna dos jor-
nalistas vêr a sala das sessões.

É mais pequena, mas pelo gosto da
nossa camara dos pares, não tendo, to-
davia, tanta riqueza em marmores. As
galerias publicas são acanhadas.

Eram quasi cinco horas da tarde e a
sessão não se abria.

Para aproveitar o tempo, e tendo já

satisfeito a curiosidade de ver o Congresso, lembrei-me ir ao *Retiro* antes das horas de jantar, que era sempre das sete para as oito. Propuz o passeio a um dos meus companheiros de casa que commigo e com o sr. Guzman vira o *Congresso*, e fomos, com o illustre jornalista e muito obsequiador cavalheiro, para os lados do *Prado*, achando-nos pouco depois em um bosque muito extenso e muito lindo. Era o *Buen Retiro*, refugio favorito de Philippe IV, e que apesar de ter estado abandonado tem ainda bellasas que o fazem comparar ao *Bois de Boulogne* que em Pariz tanto dava que fallar. Fiquei encantado com a magestosa perspectiva do *Retiro*. Julgava-me no campo, contemplando os sorrisos da natureza que na primavera ostenta todo o mimo das suas galas.

Era ao declinar da tarde. Por entre a ramagem das arvores chilreavam os passarinhos, e com os seus cantares alegres não sei que commoções experimentei... É certo que acreditei sentir em mim um alento vivificador, que até ali não conhecia.

Quisera ter nascido poeta para dizer o que me ia n'alma!... No *Retiro* devem passar-se dias d um bem estar ineffavel.

—Se eu vivesse em Madrid estou cer-

to que visitava quotidianamente este magnifico recinto, disse eu para o meu amigo Guzman.

—Pois olhe, redarguiu-me, desde o outomno que aqui não vinha, mas por isso acho-lhe hoje mais poesia, maiores encantos!...

—Oh! quem não ha de sentir-se bem aqui, respondi-lhe eu. Só quem não tiver coração, e o meu amigo tem coração e é poeta!...

Fomos ver o tanque, um immenso tanque aonde navegam botesinhos, e cuja agua foi para ali levada á custa de muito dinheiro. Vimos tambem uma montanha occa, que á primeira vista parece fabula, mas estivemos a olhar Madrid no alto d'ella. Até vimos os bichos! Porque ali nada falta para o recreio ser completo.

No entretanto poucos bichos existem já, e d'esses não vi nenhuma raridade. O leão do nosso Passeio da Estrella se lá apparecesse seria notabilidade no meio de toda aquella bicharia. Mas disse-me o sr. Guzman que n'outro tempo a collecção era grande e notavel.

Demos mais um giro pelo poetico *Retiro*, e deixamol-o com saudade. Eu pela minha parte formei tenção de lá voltar, e o meu companheiro de casa,

eterno prosador, planeou outro tanto, não para admirar a verdura das arvores, o canto dos passaros, a belleza das flores, a frescura de campo tão risonho, mas... para experimentar os remos dos barcos do tanque do *Retiro*!

O meu amigo Guzman foi para o Congresso saber o que se passara.

Eu e o meu companheiro fomos saber o gosto ao jantar do *Hotel de Madrid*. Lembra-me que, entre os pratos que appareceram, veio presunto de fiambre com fios doces d'ovos! Fiquei mais admirado, do que da quantidade d'azeite e *colorão* que ao almoço e ao jantar nos distribuiam nos biffes, na sopa, no cozido, no assado, quasi na sobremeza!

E, já que fallei no jantar d'este dia, devo dizer, que a mesa no *Hotel de Madrid* é variada e abundante. Para nós, os portuguezes, a comida hespanhola tem de mau a abundancia dos azeites, substituindo a manteiga. O chá tambem não se pôde tomar. Em compensação bebe-se excellente chocolate, e toma-se bom café com leite.

Passei a noite de 17 no Theatro de La Zarzuela.

Tinham sido offerecidos a alguns portuguezes, pelos jornalistas hespanhoes, dois camarotes e alguns logares de platea.

Achei o theatro, que é um pouco maior que o nosso D. Maria, muito confortavel, com o seguido systema de cadeiras avelludadas, os camarotes espaçosos, e o scenario (palco) em boas condições.

Representava-se a zarzuela «El Mulinero de Subissa.» Gostei da musica, que tem trechos interessantes, o desempenho correu bem e algumas vistas eram de bello effeito.

Havia enchente. O *Paraiso* não deu palmas, mas fez barulho e bateu com os pés, que assim são os applausos nos theatros de Madrid!

VI

QUATRO DIA

Quinta feira da Ascensão. Dia santo de que não gostei, porque fez com que eu não podesse vêr a *Biblioteca de Madrid*, o *Museo de Artilheria*, e a Igreja das Selesias.

Todas estas curiosidades quisera mostrar-me o meu illustre amigo Perez de Gusman, mas debalde se procuraram os empregados competentes para nos abrirem as portas. Nem o cura appareceu!

O dia era para descansar, por conseguinte não estranhei que estivessem fóra dos seus postos.

Vimos o *Palacio do senado*, que não tem o luxo da nossa camara dos pares. A sala das sessões é no gosto da camara dos deputados em Lisboa.

Estava annunciada extraordinariamente uma corrida de touros. É para mim

um espectáculo barbaro em toda a parte, mas eu desejava fazer idéa do que elle era em Madrid.

Dispuz-me com os meus companheiros a ir aos touros. Como tínhamos tempo, fomos primeiro passear ao *Retiro*, e tão bem nos dêmos por lá que deixámos de vêr os Campos Eliseos, outro passeio d'appetite, principalmente no verão. É o que tem Madrid, e que muito me agradou. Tão depressa se anda na agitação tumultuaria das ruas e das praças no centro da cidade como se vae respirar um ar salutar ao *Prado*, ao *Retiro*, e aos *Campos Eliseos*! Em Lisboa gosamos a aragem do Tejo. Em Madrid, que o Manzanares é rio insignificante, ha a fresquidão das arvores e o influxo salutar d'aquelles passeios favoritos. Tudo tem o seu logar. Tudo encerra bellezas.

Andámos uma hora pelo grande tanque do *Retiro*.

Custou-nos o aluguer d'um dos melhores botes, a quatro remos, quatorze reales (seis tostões e meio). O dia estava muito ameno, e o sol encoberto. Gosámos, pois, uma bella hora de regata... improvisada.

Eram quasi cinco horas quando sahimos do *Retiro* para ir aos toiros. Havia extraordinaria influencia de gen-

te, e espantoso movimento de omnibus, carruagens de praça e particulares, e, diga-se de passagem, d'estas algumas vi muito ricas.

Entrámos na *plaza de los toros*, uma enorme e elegante praça que accommoda talvez vinte mil pessoas. Estavam já tomados quasi todos os logares. Ficámos nos *tendidos*, que são uns assentos de pedra muito estreitos (que correspondem á «sombra» na praça do Campo de Sant'Anna) e custam oito reales, (desoito vintens), pagando, quem quizer ficar com almofada, mais um real. Não tardou que toda a praça se enchesse de homens, mulheres e creanças. Uma charanga tocava de quando em quando pequenas peças de musica. A arena, aonde seria dado o espectáculo que, quando eu entrei estava apinhada de povo, ficou deserta assim que se deu signal de que ia começar a funcção. Os rapazes não cessavam de gritar «agua e laranjas» Tão praticos estão os gaiatos, que as atiram a grande altura com a certesa de cahirem nas mãos de quem lh'as pede! E não se lhes extravia sequer um *quarto* (moeda que corresponde aos nossos cinco réis) dos muitos que lhes são atirados!

Entrou no seu camarote o rei de Hes-

panha, acompanhado dos seus ajudantes. Teve começo o espectáculo.

Eu ia revestido de muita coragem, mas não esperava assistir a toda a corrida. Quiz, com effeito, sahir assim que presenciei umas scenas só com a arte de serem sanguinarias, mas não conseguí romper por entre a multidão, que me rodeava. Fui forçado a ver toda aquella lucha barbara, e que direi d'ella? Que morreram doze lazarentos cavallos depois de torturados horrivemente pelas aguçadas pontas dos touros. Que os cavalleiros não se expõem, porque vão da cintura para baixo forrados de ferro ou aço. Que não lhes conheci arte alguma no modo como esperam o touro, parecendo só ter em vista que o cavallo leve violentas estocadas ficando em pé, e correndo-lhe em jorros o sangue. Que é doloroso vêr os pobres animaes com os intestinos abertos e ainda obrigados pelo cavalleiro a lutar com os touros. Que a sorte de matar o boi á espada não é menos repugnante. O animal não morre instantaneamente, e leva muito tempo a dar a sorte.

Tudo aquillo é barbara, tudo é improprio d'um povo civilisado. Até as pobres mulas, que vem buscar á praça os despojos da lucha ingloria entre o ho-

mem e a fera, são fortemente chicoteadas! Mas o que mais me surpreendeu foi o entusiasmo do povo hespanhol diante d'aquella barbara diversão. Todos applaudiam desde a creancinha até a mulher mais formosa em que devia antever-se um coração sensivel!

E crescia a vozeria e o phrenesi dos espectadores á medida que o sangue corria em maior abundancia pela arena!

Decididamente os hespanhoes acham-se no caso dos romanos para quem o «panem et circenses» era a vida e a gloria. Elles com o «pan y toros» estão como querem.

Os homens illustrados devem, porém, reconhecer a barbaridade do espectáculo, e a alguns ouvi até critical-o.

Uma cidade como Madrid, que está tão adiantada, que apresenta obras admiraveis, e que é capital d'uma nação que tem nome na historia dos povos a quem o progresso tem alumiado, que possue notaveis e reconhecidas illustrações europêas, ha de vir, faço essa justiça á Hespanha, a acabar com o espectáculo sanguinario dos touros. No dia em que isso acontecer, e Deus permita que seja cedo, ter-se-ha operado uma grande revolução nos instinctos d'um povo que, nosso irmão, deve ufanar-se

da brandura de costumes, um dos característicos da verdadeira dignidade humana.

E, acabados os touros em Hespanha, não teremos nós também aqui o simile d'espectaculo tão barbaro. Beneficio será esse com que a causa da humanidade muito ganhará.

VII

QUINTO DIA

A PARTIDA

Era o dia 19 de maio. A's 12 horas da manhã devia partir o trem expresso, que conduzia os passageiros portuguezes de Madrid a Lisboa. Aos que quisessem, no entretanto, demorar-se mais dois dias concedêra a empresa dos caminhos de ferro facultativo regresso nos comboys ordinarios de sabbado e domingo. Não me era possível, sem transtorno, adiar a minha partida, e o mesmo acontecia aos meus tres amigos e companheiros de viagem.

De mais, nos trens ordinarios perder-se-hiam na jornada duas noites. No expresso perdia-se só uma, o que, para mim, já não era pouco!

Tratei, pois, de dispôr-me para deixar Madrid.

Tomei um «coupé» para fazer algumas visitas de despedida, e, para tudo me correr bem, até não tive altercações com o cocheiro, que recebeu pelo ser-



viço que me fez os reales que justamente marcava a tabella.

Em Madrid custa uma corrida 4 reales, isto é pouco mais de nove vintens, e o serviço á hora é de oito reales. Ouvi, que alguns portuguezes foram enganados pelos cocheiros e pelos logistas. Não me aconteceu ter dissabor com os boleeiros, e nem nos estabelecimentos aonde comprei alguns objectos soffri logro no troco de dinheiro. É verdade que não tive pouco que estudar primeiro que conhecesse a divisão dos escudos em duros, dos duros em pese as, das pesetas em reales, e dos reales em cuartos!

Mas, como disia, despedi-me de alguns cavalheiros que muito me haviam obsequiado em Madrid, e não podendo procurar a todos, deixei ao meu estimado amigo o sr. Benigno Joaquin Martinez a seguinte carta, que s. ex.^a publicou na «Iberia»

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Benigno Joaquin Martinez, e meu bom amigo. Hotel de Madrid 19 de maio de 1871. Permitta a bondade de v. ex.^a que, por meio do seu illustrado diario, «A Iberia» signifique a indelevel gratidão que me vae n'alma pela maneira obsequiosa e distincta com que fui tratado por v. ex.^a, por todos os membros da imprensa ma-

drilena, e por muitos outros cavalheiros, cujos nomes sinto não ter podido conservar de memoria.

Deixando hoje esta bella capital, saudososo d'ella e dos homens notaveis que vim aqui conhecer, peço a v. ex.^a que seja interprete do meu reconhecimento perante os seus collegas da imprensa, e, protestando os meus respeitoos a todos, fiquem certos que jámais esquecerei o benevolo acolhimento que recebi em Madrid. — De v. ex.^a, Amigo affectuosissimo e criado obrigado, *Albano Coutinho Junior*.

Esperava-me uma surpresa agradável. Na despedida, offerecêra-me o sr. Perez de Gusman um exemplar d'um trabalho litterario seu «Las Hadas, leyenda original al estilo de los orientales». Quiz juntar mais esse obsequio aos muitos de que já lhe era deverdor. E' um trabalho muito fino, que patenteia bem o talento e a imaginação poetica do seu autor, filho distincto da risonha Andalusia.

Aproximavam-se as horas da partida do comboio.

Fui ao hotel tomar as malas, e dirigi-me com os meus companheiros para a estação.

Era certo, que dentro em pouco deixava Madrid. Ia saudososo e bellamente impressionado.

Quando disse adeus ao *Prado* e ao *Retiro* recordei-me dos versos de Ponsard:

Tout ce que est de beau ne se gard long temps
Les roses et les lys ne regnent qu'un printemps!

Na *gare* de Madrid não havia o movimento que notei á chegada.

Tudo me parecia triste. Alguns cavalleiros hespanhoes despediam-se dos portuguezes. Deram-se abraços e apertos de mão. O comboio partiu.

Dei então o ultimo adeus a Madrid! Estava em caminho da minha terra, mas pelas saudades que me acompanhavam acreditava que não sabia d'um paiz estranho.

Na viagem repetiram-se os obsequios. Ciudad Real e Badajoz receberam tão galhardamente os portuguezes no regresso a Lisboa, como os haviam festejado na sua passagem para Madrid. Mais motivo para o nosso reconhecimento, mais rasão para conservarmos gratas impressões do passeio a Hespanha.

As trez horas da tarde do dia 20 chegava o comboio á *gare* de Lisboa. Estava terminada a minha digressão, e eu tinha assumpto para escrever, ao correr da penna, o que ahí fica.

FIM

Ayuntamiento de Madrid